



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## **COMO DEFINIR UMA PRÁTICA COMO ESPORTE? REFLEXÕES A PARTIR DE NORBERT ELIAS**

Claudiovan Ferreira da Silva

Mestrando em Sociologia no PPGS - UFPB

[claudiovan1@hotmail.com](mailto:claudiovan1@hotmail.com)

Este artigo é fruto de uma pesquisa que realizei no ano de 2010 como critério para conclusão do curso de Ciências Sociais na UFPB, então aqui discutiremos algumas das questões centrais apresentadas em minha monografia de conclusão do curso.

O objetivo deste artigo é analisar de que maneira a esportivização (Elias, 1992) do skate, sua transformação em uma modalidade esportiva, com regras, associações e competições bem definidas, modifica a prática cotidiana, usual, deste esporte que emergiu como prática de lazer juvenil no tempo livre e se modifica também a sociabilidade dos skatistas e da cultura que se constrói em torno dessa prática.

A esportivização do skate passa pelo processo de profissionalização desse esporte, pela definição de locais específicos para a prática - locais denominados skateparks -, pela criação de associações, estas geralmente tem como limites o território de um município específico, as federações, que atuam em âmbito estadual, e a Confederação Brasileira de Skate, CBSK, que atua em âmbito nacional. Também pela adoção de normas que nomeiam e definem as manobras e práticas como “corretas” e “incorretas”.

Em outras palavras, o objetivo geral da citada monografia foi compreender que impactos a esportivização do skate causa na forma como os skatistas vivem o skate – isto inclui a sociabilidade interna do grupo, a maneira como vêm e usam a cidade, o estilo de vida, e conhecer o que os próprios skatistas acham, ou seja, qual a representação que fazem desse processo em curso, já que boa parte desse processo é executada pelos próprios skatistas. A busca pelo entendimento do controle de comportamento de forma a disciplinar uma certa prática social é o que move esta pesquisa, ou seja, o controle da prática do skate nas ruas da cidade de maneira a disciplinar sua prática em espaços delimitados e determinados especificamente para seu



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

uso. Assim como o controle que se exerce sobre os movimentos, as manobras do skate deixam de serem mais livres, espontâneas, para se conformarem a determinados padrões. Não somente as manobras, mas toda a relação do skatista com a cultura que gira em torno do skate passa por uma enorme mudança, tomando formas menos subversiva e tornando-se mais aceitáveis socialmente.

## REFLETINDO SOBRE O PROCESSO DE ESPORTIVIZAÇÃO

O estudo de culturas juvenis é algo que há um certo tempo vem fazendo parte das preocupações das Ciências Sociais. Temos vários autores que tem suas obras dedicadas a buscar explicar como se formam grupos juvenis, como se desenvolvem, de que maneira funciona a sociabilidade interna e externa aos grupos, que culturas produzem, etc.

O estudo do esporte por parte da sociologia já é um tema menos discutido dentro da literatura acadêmica. Temos muitos trabalhos sobre a relação entre esporte e sociedade, formação de atletas, entre outros, porém uma parte significativa destas pesquisas parte de pesquisadores da área da Educação Física.

Na Sociologia um dos mais significativos autores que temos para discutirmos a questão esportiva e seu desenvolvimento social é Norbert Elias, principalmente em sua obra *A Busca da Excitação* (1992). Nesta obra Elias em parceria com Eric Dunning busca discutir o processo de transformação pelo qual passam os esportes na era moderna, o que ele vai chamar de esportivização.

Segundo Dunning (P.12) o esporte, e o lazer, em particular o primeiro, foram desprezados como áreas de investigação sociológicas, ao longo da tradição dessa ciência. O mesmo segue dizendo que

Na verdade, a sociologia do desporto enquanto área de especialização é recente, embora tenha sido efetuada uma tentativa para lhe atribuir uma ancestralidade respeitável, através de referência às observações feitas por sociólogos “clássicos” como Weber. O seu crescimento foi considerável, em especial, nos Estados Unidos, Canadá e Alemanha Ocidental, desde os primeiros anos da década de 60. Todavia, tal como se encontra no presente,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

ela é em grande medida o resultado de especialistas de educação física, um grupo sujo trabalho, devido ao seu envolvimento real nesta área, não possui, por vezes, o distanciamento necessário para uma análise sociológica fecunda e aquilo que pode designar como uma implantação “orgânica” nas preocupações centrais da sociologia (ELIAS E DUNNING, 1992, P. 12)

Entre as poucas pesquisas sociológica que temos sobre os esportes, a maioria delas é voltada para o futebol, como nos diz Dunning

[...] o facto de poucas correntes sociológicas terem teorizados sobre o desporto ou realizado investigações sobre qualquer aspecto deste – com a evidente excepção dos *hooligans* do futebol, que atraíram a atenção de alguns teóricos dos fenómenos de desvio e de marxistas (ELIAS E DUNNING, 1992, P13).

Dunning segue dizendo que a pouca atenção dado pelos sociólogos a questão do esporte como objeto de pesquisas foi tão grande que isso ainda continua a ser verdade mesmo no presente. Dentro das academias temos poucas exceções (como Bourdieu e Elias) de sociólogos que pesquisam e discutem o esporte como um fenômeno social que merece maior atenção por parte desta área do conhecimento. Na busca por explicações para esse desprezo por parte da sociologia com relação aos esportes Dunning diz que

[...] no tempo em que os contornos básicos da moderna sociologia se estabeleceram, tal como a raça, o desporto não era – ou, mais propriamente, não era considerado pelos “fundadores” – o espaço de problemas sociais sérios. Além disso, muitos teriam argumentado que o desporto, também, não constituía nem uma propriedade básica nem universal do “sistema social”. Contudo, embora as estruturas destas actividades e o seu significado variem para aqueles que nelas participam, até hoje nenhuma sociedade humana existiu que não tivesse algo de equivalente ao desporto moderno (ELIAS e DUNNING, 1992, P. 15)

A sociologia passa a escolher algumas áreas da vida social tidas como mais “sérias” e mais importantes para o entendimento das relações sociais. Com isso uma série de outros aspectos da vida social passaram a serem vistos como pouco



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

significativos explicação social por parte da sociologia. Entre essas áreas que receberam, se é que ainda não recebem, pouco prestígio no campo da sociologia temos o esporte e o lazer, o primeiro principalmente, que aos poucos vem buscando constituir-se como uma esfera fundamental para explicar as relações sociais, nas mais variadas perspectivas.

Além do mais, a sociologia orientou-se para o campo restrito dos aspectos “sério” e “racional” da vida, o que teve como efeito que o divertimento, o prazer, o jogo, as emoções e as tendências “irracionais” e “inconscientes” do homem e da mulher tivessem merecido escassa atenção no âmbito da teoria e da investigação sociológicas. (Elias e Dunning, 1992, P. 16)

Indo mais além e tentando explicitar quais os motivos que levaram os sociólogos a tratarem o esporte como algo secundário na busca pelo entendimento e explicação social, Dunning faz uma severa crítica ao pensamento reducionista e dualista ocidental. Pois, para ele este pensamento faz com que deixamos de lado aspectos extremamente significativos da vida social, que devem fazer parte da busca pelo entendimento das relações sociais.

O desporto parecer ter sido ignorado como um objecto de reflexão sociológica e de investigação, em especial, porque é considerado como algo que se encontra situado no lado que se avalia de modo negativo no complexo dicotômico de sobreposição convencionalmente aceito, como, por exemplo, entre os fenômenos de “trabalho” e “lazer”, “espírito” e “corpo”, “seriedade” e “prazer”, “econômico” e “não econômico”. **Isto é, no quadro da tendência que orienta o pensamento reducionista e dualista ocidental, o desporto é entendido como uma coisa vulgar, uma atividade de lazer orientada para o prazer, que envolve o corpo mais do que a mente, e sem valor econômico.** Em consequência disso, o desporto não é considerado como um fenômeno que levante problemas sociológicos de significado equivalente aos que habitualmente estão associados com os negócios “sérios” da vida econômica e política. (1992, P. 17, grifo nosso)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

E para justificar a necessidade de pesquisas sociológicas tendo como tema o esporte Dunning nos diz que o esporte demonstra com clareza que é um campo de considerado significado social e com isso tem que ser teorizado e investigado de forma sociológica, como forma de explicação de mais um aspecto da vida social, que é o objetivo da sociologia (1992).

O esporte é algo tão significativo dentro das sociedades que Dunning afirma que, nas sociedades industriais, do Ocidente, é um assunto que rivaliza com o sexo (1992). E isso é algo que não podemos negar quando olhamos ao nosso redor e vemos o quanto nossa sociedade possui de indivíduos praticando esportes, indo a estádios, grandes eventos esportivos etc.

E temos o prazer de termos o próprio Dunning falando na obra que outras áreas do esporte merecem investigação sociológica, como, por exemplo, o “... o desporto enquanto “lazer” e o desporto como “trabalho”” (P. 18). Isso é justamente o alvo de nossa pesquisa. O que pretendemos analisar são as diferenças entre representações de skatistas mais identificado com o esporte enquanto lazer dos que tem maior identificação com o skate enquanto desporto.

O que Elias nos diz em sua teoria central, o processo civilizador (1994), em linhas gerais, é que pode-se observar que a partir do século XVI temos uma radical mudança dos padrões de conduta e de sensibilidade dos indivíduos. Este acontecimento é algo que não tem uma data de finalização, como uma idéia de uma etapa, por isso Elias dá o nome de Processo, como a idéia de um fenômeno que está inacabado e provavelmente assim será ao longo da história. Ele considera também que o processo não tem uma finalidade, é tortuoso, e as tendências de desenvolvimento só podem ser identificadas por um olhar retrospectivo.

Este Processo Civilizador atinge todas, ou quase todas, as áreas de convivência social e o esporte é algo que não passa a margem do mesmo.

Uma pesquisa que durou vários anos [...] demonstra, para o dizer de maneira breve que os modelos sociais de conduta e de sensibilidade, particularmente em alguns círculos das classes sociais altas, começam a transformar-se muito drasticamente, numa direção específica, desde o século XVI em diante. O domínio da conduta e da sensibilidade tornou-se mais



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

rigoroso, mais moderado e banindo quer excessos de autopunição quer de autocomplacência. A mudança encontrou a sua expressão num termo novo, lançado por Erasmo de Roterdão e utilizado em muitos outros países como símbolo de um novo refinamento das maneiras, o termo “civilidade”, que mais tarde deu origem ao verbo “civilizar”. Investigações posteriores tornam provável que o processo de formação do Estado, e, em particular, a sujeição da classe guerreira a um controle mais severo, a “curialização” dos nobres nos países continentais, possuía algo de comum com a mudança verificada no código de sensibilidade e de conduta.

De forma idêntica, a investigação sobre o desenvolvimento do desporto mostrou que existia uma transformação global do código de conduta e de sensibilidade na mesma direção. Se compararmos os jogos populares realizados com bola nos finais da Idade Média, ou até no início dos tempos modernos, com o futebol e o rãguebi, os dois ramos do futebol inglês que emergiram no século XIX, pode notar-se que existe um aumento da sensibilidade em relação á violência. (ELIAS E DUNNING, 1992, P. 41-42)

O principal esforço do processo civilizador é criar instrumentos que busquem, no mínimo, diminuir o uso da violência no convívio social. Para isso se constituem um conjunto de regras, normas de conduta que possam cada vez mais tornar a violência como algo que deva ser reprimido e mal visto pelo conjunto da sociedade. No esporte isso vem a ocorrer por meio da criação de uma série de regras, normas de se praticar, aumento da proteção dos atletas, tudo com o objetivo de tornar o esporte o menos violento possível e mais aceito pelos códigos de conduta e sensibilidade da sociedade moderna.

No decurso do século XX, as competições físicas, na forma altamente regulamentada a que chamamos “desportos” chegaram a assumir-se como representação simbólica da forma não violenta e não militar de competição entre Estados, e não nos devemos esquecer de que o desporto foi, desde o primeiro momento, e continua a ser, uma competição de esforços de seres humanos que exclui, tanto quanto possível, ações violentas que possam provocar agressões sérias nos competidores. (ELIAS E DUNNING, 1992, P. 45).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Elias analisando o desenvolvimento do boxe na Inglaterra nos diz que no início estas lutas eram uma maneira popular de solucionar conflitos entre os homens, onde existiam poucas regras estabelecidas. Essa falta de um conjunto maior de regras torna estas lutas muito violentas, mais do que qualquer luta já é por si só. Isso faz com que este boxe, na visão de Elias, não seja como um esporte. [...] *os combates corporais, assumiu as características de um desporto em Inglaterra, onde foi, pela primeira vez, sujeito a um rigoroso conjunto de regras.[...]. (ELIAS E DUNNING, 1992, P. 42).*

A emergência do desporto como uma forma de confronto físico de tipo relativamente não violento encontrava-se, no essencial, relacionada com um raro desenvolvimento da sociedade considerada sob a perspectiva global: os ciclos de violência abrandaram e os conflitos de interesse e de confiança eram resolvidos de um modo que permitia aos dois principais contendores pelo poder governamental solucionarem as suas diferenças por intermédio de processos inteiramente não violentos, e segundo regras concertadas que ambas as partes respeitavam. (ELIAS E DUNNING, 1992, P. 49).

Ou seja a passagem de algo que é visto apenas como lazer a esporte ocorre com o surgimento de regras que definam as ações, as condutas dentro de determinada prática. O que também significa que o processo civilizador ocorre no universo do esporte.

De facto, a forma popular de luta só assumiu as características de um “desporto” quando se verificou a conjugação entre o desenvolvimento de maior diferenciação e, de certo modo, de formas mais estritas de um conjunto de regras, e o aumento de proteção dos jogadores quanto aos graves danos que podiam advir dos confrontos.[...]

**A transição de passatempos a desportos, a “desportivização”,** se é que posso utilizar esta expressão como abreviatura de transformação dos passatempos em desportos, ocorrida na sociedade inglesa, e a exportação em escala quase global, é outro exemplo de um avanço de civilização. (ELIAS E DUNNING, 1992, P. 42, grifo meu).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Elias segue nos dizendo que a civilização dos jogos de competição é algo extremamente vinculado a questão da restrição, ou minimização, da violência efetuada sobre os outros competidores, isso só é possível por meio de um conjunto de regras sociais que exigem uma certa grandeza de autocontrole por parte dos indivíduos (Elias, 1992).

Elias define esporte nos tempos modernos como sendo uma atividade que “incluiu sempre confrontos realizados para a satisfação de espectadores”. Ou seja o esporte na modernidade é algo que carrega consigo a noção de espetáculo, de algo que deve ser praticado coletivamente e nunca por um único indivíduo.

Um estudo sobre um passatempo que assumiu, durante o século XVIII, entre as classes de proprietários de terras ingleses, as características de esporte é a caça a raposa (Elias, 1992). Neste tempo a caça a raposa surge com características bastantes diferentes dos demais passatempos existentes, contendo um conjunto de regras que definissem como deveria ser praticada, o que á torna um esporte, no sentido moderno.

O prazer, algo característico de atividades esportivas, passa a ser diferente também quando se compara práticas esportivas onde não existe um complexo conjunto de regras que o regulamenta e as práticas onde estas regras já estão altamente desenvolvidas. O que também está relacionado com toda a estrutura mais geral da sociedade.

Antes da regulamentação dos esportes o que tínhamos eram algumas regras locais para a prática das atividades, como nos aponta Elias (1992) e depois passamos a ter uma busca por regras que regulamentem estas atividades em nível nacional e até global, tornando-os esportes, no sentido aplicado por Elias.

Na fase anterior ao desporto, divertimentos como a caça e uma diversidade de jogos de bola eram regulamentados de acordo com as tradições locais que variavam com freqüência, de uma localidade para outra. [...] uma das características que mais distinguem os divertimentos emergentes com o cunho de desportos era o facto de serem regulamentados, para além do nível local, por meio de uma dessas associações livres de cavalheiros, [...] os clubes . (ELIAS E DUNNING, 1992, P. 65-66).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Para Elias a função social dos esportes é fazer com que os indivíduos possam, de alguma maneira, sentir, ou buscar sentir, simular, o prazer que existe reprimido dentro de cada um de nós, a repressão das pulsões, dos instintos, dos impulsos libidinais, afetivos e emocionais. Todos estes sentimentos precisam serem autocontrolados pelo indivíduo (Elias, 1992), o que nos remete diretamente a teoria freudiana da repressão das pulsões na civilização (Freud, 2010). Na idéia de que os esportes funcionem como uma esfera de canalização dos impulsos reprimidos pela convivência social.

Entretanto, mesmo no universo dos esportes que seria o espaço mais propício para a expressão destes sentimentos e impulsos reprimidos pela sociedade, não deve ocorrer de qualquer maneira, sem regras que digam como, onde e quando devem ocorrer as práticas esportivas. Criando também um conjunto de regras que façam com que os indivíduos sejam civilizados durante prática do seu esporte.

Até onde se pode verificar, a maioria das sociedades humanas desenvolve algumas contramedidas em oposição às tensões do stress que elas próprias criam. No caso das sociedades que atingiram um nível relativamente avançado de civilização, isto é, com relativa estabilidade e com forte necessidade de sublimação, as restrições harmoniosas e moderadas, na sua globalidade, podem ser observadas, habitualmente, numa considerável multiplicidade de actividades de lazer, que desempenham essa função, e de que o deporte é uma variante. **Mas, para cumprir a função de libertação das tensões derivadas das pressões, estas actividades devem conformar-se à sensibilidade existente face à violência física que é característica dos hábitos sociais das pessoas no último estágio de um processo de civilização.** Ao comparar as actividades de lazer contemporâneas com as dos primeiros estádios, pode notar-se facilmente que apenas sobreviveram aquelas que conseguiram adaptar-se à repugnância normalmente muito forte dos seres humanos em relação á possibilidade de infligirem ferimentos físicos aos outros. (ELIAS E DUNNING, 1992, P. 69-70, grifo nosso)

Com o skate não foi diferente. Ele surge como uma simples atividade de lazer praticada principalmente por jovens. E em pouco tempo passa a adquirir características específicas de esporte, no sentido atribuído por Elias. No seu surgimento e mesmo no seu desenvolvimento o skate mantém um aspecto que é muito significativo e particular



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

de sua prática, que é o fato de ser visto por muita parte do tempo como uma prática muito ligada a movimentos culturais juvenis, e que por sua vez era praticado exclusivamente, no início, nas ruas das cidades. Isso faz com que seja visto como algo “subversivo” no que diz respeito à utilização dos espaços públicos.

Com o passar do tempo, com o desenvolvimento do processo de esportivização no universo do skate, a criação de suas regras próprias, mas não totalmente desvinculadas das regras sociais globais, de suas normas de condutas e práticas, e criação de seus órgãos regulamentadores, inclusive a profissionalização, este esporte passa a ser, digamos, mais aceito socialmente. Pois passa a ser praticado e regido por normas também aceitas socialmente, contendo em seu interior toda uma hierarquia entre seus praticantes.

Com isso o skate que era praticado principalmente nas ruas passa cada vez mais a se deslocar para os seus locais particulares, as Skate Parks, e as ruas passam a ser neste momento apenas o local para que o skatista, envolvido no processo de esportivização do seu esporte, utilize-a apenas para o momento do espetáculo, como fotografar e fazer vídeos de skate. Mas no cotidiano o skate passa cada dia mais a ser praticado nestas áreas específicas e chega a ser proibido em algumas áreas públicas, como ocorreu em na cidade de São Paulo em 1978 e em Blumenau- SC no ano de 1999. Além de algumas revistas de vídeos de skate registrarem o fato de em algumas cidades norte-americanas e européias o skate também ter passado por essa proibição, como na Praça Love, na Filadélfia nos EUA. O que vemos com isso é a maior busca por controle desta prática até então tida como fora dos padrões de autocontrole impostos pela convivência dos indivíduos nas cidades.

Ao indagarem o surgimento de tantas modalidades esportivas que são incorporadas à terminologia de esportes radicais, José Roberto Cantorani e Luiz Alberto Pilatti, defenderam a seguinte hipótese “Se os esportes são um meio de se escapar da pressão comportamental imposta pela sociedade, os esportes radicais talvez tenham se proliferado por se apresentarem como meio de se escapar da ordem imposta pelo próprio esporte” (Brandão, 2006, P. 14)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

O que vimos durante a pesquisa foi que o skate surgiu como uma prática de rua e durante um período significativo foi visto pela sociedade como algo marginal, que era praticado por “vagabundos” e “maconheiros”, como falaram vários dos skatistas quando estávamos durante a pesquisa de campo. Depois com o desenvolvimento o skate passa por algumas “etapas” do processo de esportivização, entre elas está à criação de um mercado voltado para o skate, com a criação de roupas, peças e acessórios que são utilizados principalmente pelos skatistas. Com a criação deste mercado também temos a entrada da mídia no universo do skate, inicialmente sendo apenas uma mídia especializada e de pequeno porte de divulgação.

Então quando o skate já possuía um mercado funcionando em sua volta, uma mercantilização, e uma certa mídia, sua espetacularização, houve também o reconhecimento da sociedade e do Estado daquela prática como algo não marginal e aceito socialmente. Tudo isso ocorreu aliado a inúmeras manifestações por parte dos skatistas em busca de reconhecimento do skate enquanto esporte. E assim vem ocorrendo, falando em linhas gerais. O Estado, apesar de por diversas vezes reprimir esta prática, passa a construir áreas para a prática do skate, as Skate Parks, assim como também ocorrem construções destas por parte da iniciativa privada. Desta maneira o skate começa a ter mais reconhecimento social e ser visto como algo integrante do universo urbano, principalmente das grandes cidades do país.

Entretanto, este reconhecimento do skate por parte do Estado e da sociedade não se dá de maneira fácil e sem conflitos. O universo do skate precisou mudar boa parte de suas práticas. Os skatistas precisaram, digamos, “se adequar” às normas sociais estabelecidas pelo conjunto da sociedade, fazendo com que as roupas, o visual, as músicas, e todo o universo dos skatistas passassem a ser algo mais aceitável socialmente.

O artigo de autoria de Brandão (2008), intitulado Entre a Marginalização e a esportivização: Elementos para uma História da Juventude Skatista no Brasil, nos dá uma idéia geral de como o skate passou por esse processo de esportivização em nosso país. Porém o texto não nos dá indicativos de quais são os sentidos que os skatistas de determinada região atribuem para este processo.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Outro autor que nos diz basicamente a mesma coisa de Brandão é Tony Honorato em seu artigo intitulado Uma História do Skate no Brasil: Do Lazer à Esportivização (2004). Onde nos diz também em linhas gerais como ocorreu o processo de esportivização do skate no Brasil, relatando os principais fatos no desenvolvimento da história do skate no Brasil e com características típicas do processo descrito por Elias. O autor procura nos demonstrar que aos poucos o universo do skate brasileiro foi tomando as formas do esporte moderno, em alguns momentos por vontade e ação dos skatistas e em outros por imposição do Estado para a inclusão deste esporte nos programas voltados as praticas esportivas.

Falando em outras palavras, é como negociações entre os skatistas, o Estado e a sociedade. Para que o skate, que era visto como algo marginal passasse a ter o reconhecimento e do Estado e da sociedade e até mesmo inserido nas políticas urbanas foi preciso que os skatistas se tornassem mais “comuns”, menos exóticos aos olhos da sociedade, e ao mesmo tempo o skate passou a fazer parte do show *bussines*. Ou seja, o skate precisou passar por um processo de autocontrole de sua prática. Porém, todas estas práticas que durante um certo período são vistas como algo negativo pelos valores hegemônicos da sociedade, no momento em que são engolidas pela lógica capitalista de transformar tudo em mercadoria isto não ocorre por completo. Sempre existem, digamos, focos de resistência a este processo, que passam a serem visto como *undergrounds*, ou Outsiders (ELIAS, 2000).

## REFERÊNCIAL BIBLIOGRÁFICO



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

BITENCOURT, V.; AMORIM, S. **SKATE**. In, Da Costa, Lamartine P. (Org.) **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro, RJ, Shape, 2005.

BRANDÃO, Leonardo. **Corpos deslizantes, corpos desviantes: a prática do skate e suas representações no espaço urbano (1972-1989)**. 2007. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

BRANDÃO, Leonardo. **ENTRE A MARGINALIZAÇÃO E A ESPORTIVIZAÇÃO: ELEMENTOS PARA UMA HISTÓRIA DA JUVENTUDESQUATISTA NO BRASIL** In, Recorde: Revista de História de Esporte. V. 1, número 2, Dezembro de 2008. Disponível In:  
[http://www.sport.ifcs.ufrj.br/recorde/pdf/recordeV1N2\\_2008\\_15.pdf](http://www.sport.ifcs.ufrj.br/recorde/pdf/recordeV1N2_2008_15.pdf)

BRANDÃO, Leonardo. **Metralhadoras contra skates**. Revista de história da biblioteca nacional, nº 54, março de 2010.

BRITTO, Eduardo (Ed.). **A onda dura – 3 décadas de skate no Brasil**. São Paulo: Parada Inglesa. 2000;

COULON, Alain. **A Escola de Chicago**. Campinas: Papyrus, 1995.

DAMATTA, Roberto. O Ofício do Etnólogo, ou como ter anthropological blues. In: Edson Nunes (org.) **Aventura Sociológica**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

DUNNING, Eric; ELIAS, Norbert. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel. 1992;

ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor, 2000.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. V. 1, Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor, 1990.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

FAÍSCA, Fernando. **Fim da repressão, Liberdade ao Skate**. 2008. Disponível in:  
<http://www.sk8.com.br/br/conteudo.asp?cn=89&ct=1501>.

FOOTE-WHYTE, William. **“Treinando a observação participante”**. In: Zaluar, Alba (org.), **Desvendando Máscaras Sociais**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1990. P. 77-86.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na Cultura**. Porto Alegre, L&PM, 2010.

GOLDEMBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

HONORATO, Tony. **Uma história do Skate no Brasil: do lazer à esportivização**. In: XVII Encontro Regional de História - O lugar da história., 2004, UNICAMP-Campinas. ANPUH São Paulo, 2004. v. 01. p. 01-14. Disponível In <http://www.cienciadoskate.com/paper/0073.pdf>

HONORATO, Tony. **Identidade assinada no "pé"**. Encontro da Alesde “Esporte na América Latina: atualidade e perspectivas” UFPR - Curitiba - Paraná - Brasil - 2008.

HONORATO, Tony. **A Tribo Skatista e a Instituição Escolar: O Poder Escolar em um Jogo Sociológico**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Metodista de Piracicaba.

HONORATO, Tony. **Uma história do Skate no Brasil: do lazer à esportivização**. In: XVII Encontro Regional de História - O lugar da história., 2004, UNICAMP-Campinas. ANPUH São Paulo, 2004. v. 01. p. 01-14.

MAIOLINO, Ana Lúcia Gonçalves e MANCEBO, Deise. **Espaços Urbanos: Território, Sociabilidade e Subjetividade**. In: VASCONCELOS, José Gerardo (org.). **Coisas de Cidade**. Fortaleza, Ed. UFC, 2005.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

MAGNANI, José Guilherme C. **Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole.** In: MAGNANI, J. G. C. e TORRES, Lilian de Lucca (orgs.). *Na Metrópole: Textos de Antropologia Urbana.* São Paulo: EDUSP, 2000.

MAGNANI, José Guilherme Cantor: **“De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”.** In: RBCS, v. 17, n° 49, pp.11 a 29, 2002.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Introdução Circuito de Jovens. IN: MAGNANI, J. G. C.; SOUZA, B. M. (Org). **Jovens na Metrópole.** 1ªed. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

MALINOWSKI, B. K. **Os Argonautas do Pacífico Ocidental.** In: Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

VELHO, Gilberto. **A Utopia Urbana:** Um estudo de Antropologia Social. Biblioteca de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 1973.

VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. In: Edson Nunes (org.) **Aventura Sociológica.** Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

VENINI, Andrea. **Lazer no parque da cidade: Espaço urbano, sociabilidade e consumo em Sobral/CE.** 2008 Trabalho de graduação (Curso de Ciências Sociais). Sobral - Universidade Estadual Vale do Acaraú. Orientadora: Diocleide Lima Ferreira.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2005.

UVINHA, Ricardo Ricci. **Juventude, Lazer e Esportes Radicais.**São Paulo, Manole, 2001.